

DOMINIQUE FINGERMANN



# O tempo na experiência da psicanálise



**DOMINIQUE  
FINGERMANN**

é psicanalista e  
autora, com Mauro  
Mendes Dias, de  
*Por Causa do Pior*  
(Illuminuras).

## PRELÚDIO

q

uando, no mundo globalizado, o tempo transforma-se em mercadoria — “*time is money*” —, quando a ciência, a tecnologia e o mercado juntam-se para nos fazer ganhar tempo a qualquer preço, a psicanálise continua insistindo com um método que proporciona uma experiência do tempo na contramão da experiência subjetiva do “tempo que passa”, inflacionada pelos tempos que correm.

Entre o “Já foi!” e o “Pode ser?“, o tempo que a consciência apreende é a sucessão irreversível do passado ao futuro, passando pelo instante presente, sempre fugidio e inapreensível. As modalidades subjetivas desse *a priori* temporal de toda experiência declinam a vivência do tempo com matizes que vão da nostalgia até a esperança, com versões “patológicas” conhecidas como angústia, mania, melancolia, tédio, que testemunham uma maneira outra de vivenciar o tempo. Os “tempos que correm” e sua ciência implacável pretendem remediar essas modalidades existenciais e os afetos consequentes. A psicanálise preconiza outro tratamento: dar-se um tempo.

De fato, ela propicia o acesso a uma estranha temporalidade. Desde o início das entrevistas preliminares — embora a fala



que se desdobra e se descobre aí quase que imediatamente tenha uma estrutura temporal diacrônica e esteja se desenvolvendo na forma linear da sucessividade –, desde as primeiras voltas nos ditos, abre-se uma temporalidade atordoante para quem chega desprevenido e fica aturdido. Um tempo “sem pé nem cabeça” inaugura-se aí, já que nessa ficção, que artificia a verdade do sujeito, o presente se anuncia, atropelado por um futuro suposto, formatado por um passado hipotético que nunca foi.

O tempo do *cronos* – que devora sua cria: os instantes evanescentes, à medida que nascem – não é suficiente para explicar essa temporalidade que Freud descobriu no fundamento e no funcionamento dos processos inconscientes, intemporais – diz ele.

A psicanálise revela uma estranha temporalidade que Lacan põe em função na direção da cura, como “tempo lógico”: o ato analítico produzindo, extraindo, da repetição, essa outra dimensão do tempo, conhecida pela filosofia da Grécia até na China: o *kairos*, “o momento oportuno”. O tempo na psicanálise (a sua duração, a frequência e tempo das sessões) decorre da temporalidade do sujeito do inconsciente (intemporal), e do manejo adequado desse tempo depende a eficácia da psicanálise, ou seja, sua efetividade nos tempos de hoje.

A psicanálise não está mais na moda *up-to-date*; no entanto, se ela permanece nas agendas das pessoas apressadas é por causa de sua eficácia. Quem se atreve hoje a ficar algumas vezes por semana no consultório do analista, por um tempo às vezes muito menor que o tempo que demorou para chegar lá, espera o que dessa experiência que desafia a “modernidade” nas margens do trânsito exorbitante do progresso?

Há dois males que os remédios produzidos pelo progresso científico não curam: a busca do tempo perdido e o adiamento do momento oportuno. Uma experiência psicanalítica trata desses mal-estares do homem da civilização e, no fim, no final de todas as voltas de seu método terapêutico, permite que o tempo

seja encontrado: o momento oportuno do desejo, quando não escoo na deriva e no adiamento, e lança mão do ato que faz do instante evento.

Pretendo mostrar como a medida do tempo numa análise é o seu *tempo*<sup>1</sup>, a pulsação, o ritmo dos cortes nos ditos do sujeito, o ato que produz, no final das contas, o limite, a conclusão da série infinita dos ditos: topar com a finitude propicia gozar do “instante-já”.

## A INTEMPORALIDADE FREUDIANA: “O SISTEMA INCONSCIENTE É ZEITLOS”

As reminiscências das históricas, o “fora do tempo” da pulsão, o retorno do recalcado do sintoma, a persistência do trauma, a validação *après-coup* da sua inscrição como irreversível, a inércia da fantasia, as voltas da repetição, o caleidoscópio dos sonhos que compõem as suas cenas numa confusão total da cronologia, a reedição transferencial de laços anacrônicos: quando Freud descobriu e formalizou a psicanálise, ele constatou que a temporalidade do sujeito do inconsciente contestava a temporalidade linear cronológica, que atormentava a consciência dos humanos, apressada e pressionada, num presente fugidio, espremido entre um passado já remoto e um futuro incerto. Por isso, ao formalizar suas descobertas, desde o início, e várias vezes, Freud afirmou a intemporalidade (*Zeitlos*) dos processos psíquicos inconscientes.

Em 1915, no artigo “O Inconsciente”, explica:

“Os processos do sistema inconsciente são intemporais; isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não têm absolutamente qualquer referência ao tempo. A referência ao tempo vincula-se, mais uma vez, ao trabalho do sistema consciente” (Freud, 1915).

1 Tempo (música) aqui entendido como “unidade abstrata de medida do tempo musical, a partir da qual se estabelecem as relações rítmicas; pulsação” (Dicionário Houaiss).

Em 1932, nas “Novas Conferências de Psicanálise”, insiste e precisa:

“No id, não existe nada que corresponda à ideia de tempo; não há reconhecimento da passagem do tempo, e — coisa muito notável e merecedora de estudo no pensamento filosófico — nenhuma alteração em seus processos mentais é produzida pela passagem do tempo. Impulsos plenos de desejos, que jamais passaram além do id, e também impressões, que foram mergulhadas no id pelas repressões, são virtualmente imortais; depois de se passarem décadas, comportam-se como se tivessem ocorrido há pouco” (Freud, 1932).

Freud argumenta com sua obra inteira a posição do inconsciente e suas consequências manifestas, que objetam as conjecturas filosóficas, em particular Kant, que coloca o espaço e o tempo como “representações necessárias” (Kant, 1987), formas *a priori* da sensibilidade que condicionam toda experiência: ao contrário, na psicanálise o tempo se revela relativo e sensível à experiência.

As formações do inconsciente — sonhos, atos falhos, sintomas — flagram essa intemporalidade para quem quiser prestar ouvidos às suas mensagens. As mensagens das formações do inconsciente são notícias do “desejo indestrutível”, notícias ao mesmo tempo do recalque e da inscrição. São mensagens cifradas do ser, insistindo nas declinações de sua falta a ser. Os traços mnêmicos inscrevem algo que não tem registro — o rastro de uma vivência (*Erlebnis*) —, a “experiência de satisfação”. As representações testemunham esse algo da pulsão, do ser vivo, que não se inscreve, mas produz e orienta seus complexos encadeamentos.

Uma falha na origem — recalque originário — determina o retorno do recalcado, modelando o futuro com as marcas do passado, que “não cessam de se inscrever” (Lacan, 1975, p. 86). Mas essa *Urverdrangung* — recalque originário, algo que “*não cessa de não se inscrever*” — legítima também que o passado sem sentido, traumático, possa adquirir uma significação *après-coup*. O

futuro também marca o passado, validando seus acontecimentos — *nachträglich* — como presentes e atuais.

Constatemos como, dessa forma, o ser humano encontra-se estruturalmente tomado numa temporalidade de antecipação-retroação. A representação antecipa a possibilidade de inscrever o real do corpo e do afeto, mas a representação sempre falha retroage sobre o que faltou em ser representado, resto pulsional que impulsiona a procura de uma nova representação. Os mecanismos de substituição e deslocamento regem as redes de encadeamento das representações que, apesar da sua criatividade e exuberância ilimitada, acabam sempre voltando ao mesmo lugar. A fantasia fundamental molda e modela o desejo (a relação com a falta primordial de representação) e, assim, condiciona e formata a dita “indestrutibilidade do desejo”.

Quando, em 1932, nas “Novas Conferências”, Freud continua insistindo sobre a intemporalidade dos mecanismos inconscientes, vemos que ele aponta agora para a incidência da clínica psicanalítica sobre essa supostamente inegável intemporalidade, lamentando não ter explorado melhor essa característica do inconsciente na teoria e, conseqüentemente, na clínica:

“Só podem ser reconhecidos como pertencentes ao passado, só podem perder sua importância e ser destituídos de sua catexia de energia, quando tornados conscientes pelo trabalho da análise, e é nisto que, em grande parte, se baseia o efeito terapêutico do tratamento analítico.

Muitíssimas vezes, tive a impressão de que temos feito muito pouco uso teórico desse fato, estabelecido além de qualquer dúvida, da inalterabilidade do reprimido com o passar do tempo. Isto parece oferecer um acesso às mais profundas descobertas. E, infelizmente, eu próprio não fiz qualquer progresso nessa parte” (Freud, 1932).

O progresso na clínica psicanalítica não pode se reduzir à leitura e à descoberta do desejo indestrutível, mas, como aponta e

aposta Freud nessa conferência, uma análise deve conduzir um sujeito a uma outra vivência do tempo que passa.

O trabalho e a experiência de uma análise orientam-se a partir da construção e do desvelamento da fantasia fundamental que exime o sujeito de sua relação com o tempo presente e condiciona a dita intemporalidade das formações do inconsciente. Tal finalidade tem forçosamente consequências na relação do sujeito com a temporalidade e conduz o tempo de uma análise até seu termo.

## LACAN: O TEMPO LÓGICO NA CLÍNICA

É, antes de tudo, na direção da cura que Lacan vai fazer uso da descoberta freudiana da estranha temporalidade do sujeito do inconsciente. Ele utilizou a “inalterabilidade do reprimido” como manifestação da estrutura do sujeito que lhe ofereceu “um acesso às mais profundas descobertas”, com consequências clínicas radicais para a lógica da cura, tanto nos meios quanto nos fins da experiência psicanalítica. “*Wo es war*”, “Onde isso era”, mera repetição – Lacan faz advir o ato. Onde se encontrava inalterada a repetição do mesmo e da mesmice, ele introduz o ato do analista que produz a repetição como escansão de pura alteridade, que faz diferente, e faz diferença no termo de uma análise. É no ponto mesmo da “inalterabilidade do reprimido” que ele insere o “tempo lógico” produtor do momento de concluir, como interrupção da diacronia infinitiva. O ato do analista introduz aí uma descontinuidade, expondo, flagrando, esvaindo a suposição síncrona que espera uma solução de continuidade. A atualidade do analista, o seu ato “em tempo”, o seu corte no tempo da sessão, tem uma incidência clínica na intemporalidade do sujeito do inconsciente.

Como é sabido, Lacan inaugurou suas contribuições na formalização da clínica psicanalítica focalizando a questão da

introdução do tempo na direção do tratamento, como o demonstram seus primeiros textos fundamentais: “O Tempo Lógico e a Asserção de Certeza Antecipada” (1945), “Intervenção sobre a Transferência” (1951), “A Direção da Cura e os Princípios de seu Poder” (1958), “Função e Campo da Fala e da Linguagem” (1953). Podemos ler, desde esses primeiros textos, o manejo da transferência, a interpretação, o desejo do analista como intervenções, intrusões, precipitadoras do psicanalista com o tempo e no tempo do sujeito. Mostraremos como o *tempo*<sup>2</sup> do ato do analista, ao produzir uma suspensão no sentido da neurose, dirige a análise até seu termo lógico: o momento de concluir.

A redução do ensino de Lacan à questão do “tempo lógico” não é tão abusiva quanto parece, e vale proceder à elucidação dessa opção clínica e de seu lastro teórico. Notemos que os dois últimos seminários que ele proferiu anunciaram mais uma vez a premência da questão do tempo na clínica psicanalítica: “O Momento de Concluir” (1978) e “O Tempo e a Topologia” (1979). Dos primeiros textos aos últimos seminários, Lacan retoma a questão deixada por Freud em 1932: a incidência da clínica psicanalítica no tempo do sujeito, questão que ecoa no seu “testamento clínico” de 1937: “Análise Finita, Infinita” (Freud, 1937). Quando Lacan concluiu seu ensino, a suspensão de sua enunciação interrompeu a série de seus seminários, que responderam durante mais de trinta anos ao compromisso no qual ele se engajou quando, no texto inaugural da sua posição clínica e ética (“Função e Campo...”), declara, no capítulo III – “Les Résonances de l’Interprétation et le Temps du Sujet dans la Technique Psychanalytique” :

“*[La psychanalyse] ne donnera des fondements scientifiques à sa théorie comme à sa technique qu’en formalisant de façon adéquate ces dimensions essentielles de son expérience qui sont, avec la théorie historique du symbole : la logique intersubjective et la temporalité du sujet*” (Lacan, 1966, p. 298)<sup>3</sup>.

2 Idem.

3 “[A psicanálise] só dará fundamentos científicos à sua teoria como à sua técnica ao formalizar de forma adequada estas dimensões essenciais de sua experiência que são, com a teoria histórica do símbolo: a lógica intersubjetiva e a temporalidade do sujeito.”



## ESTRUTURA DO SIGNIFICANTE, TEMPO DO SUJEITO E LÓGICA DA CURA

O texto de 1945 “O Tempo Lógico e a Asserção de Certeza Antecipada” lança mão da questão (e de sua resposta): o tratamento do sujeito pelo discurso analítico é questão de tempo; não um tempo cronológico, que engole os instantes na corrida do passado ao futuro, mas um tempo lógico que faz valer o instante como decisivo. “*S’il est quelque chose que notre expérience nous commande d’inclure... c’est le temps... à trois dimensions*” (Lacan, 1964-65, p. 82)<sup>4</sup>: o instante de ver, o tempo para compreender e o momento de concluir. O tempo operativo na análise, que inclui esse tempo em três dimensões, é lógico e coerente com a temporalidade lógica da constituição do sujeito.

Em “O Tempo Lógico e a Asserção de Certeza Antecipada” (1945), Lacan apresenta e desenvolve o famoso sofisma dos três prisioneiros<sup>5</sup>, que comprova que, se o raciocínio que antecede uma decisão pode se elaborar numa lógica intersubjetiva (tempo para compreender), o momento de concluir (“asserção do sujeito”) se produz num instante de decisão em que o sujeito se desprende da suposição atribuída ao outro. Com efeito, é no momento da hesitação dos outros prisioneiros, na suspensão de seu saber, que se precipita a decisão num ato que confirma e produz a asserção do sujeito. Esse texto é fundamental para a clínica e essencial no ensino de Lacan, que nunca mais vai cessar de retornar a essa referência, remanejando e atualizando, a cada vez, os seus desdobramentos e consequências de acordo com o movimento de suas elaborações teóricas, conforme desenvolvido por Eric Porge no livro *Le Temps Logique de Jacques Lacan* (1989). O maior remanejamento precisa que o momento de concluir se precipite radicalmente, não mais em decorrência ou em continuidade com a suposição feita a respeito do Outro, mas em descontinuidade, como conclusão, apesar e a partir do não-sabido – a partir da falta de saber: “A questão toda é saber como concluir onde o saber falta, não somente para o sujeito mas também para o Outro”, escreve Colette Soler (2008, p. 142) no texto “O Tempo que Falta”.

O manejo do tempo na experiência analítica tem consequências para o sujeito e sua relação com o tempo, ludibriada pela “intemporalidade” da fantasia, que produz a fixidez neurótica do desejo nas suas versões de insatisfação, impedimento e impossibilidade. Essa intervenção pelo tempo e no tempo tem efeito porque, de fato, ela incide sobre a estrutura do sujeito, que se desdobra na cena analítica da “associação livre” orientada pela transferência.

### Alienação

A estrutura do sujeito, produzida num primeiro tempo pela sua alienação/sujeição ao aparelho da linguagem, é ela mesma determinada pela lógica temporal de sua estrutura.

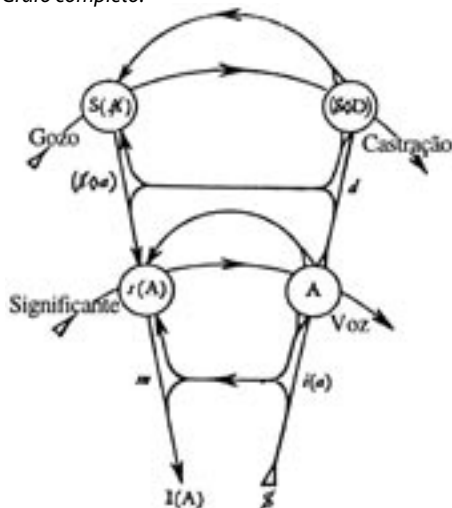
Lembremos que o aparelho simbólico da linguagem é constituído a partir das articulações e conexões das unidades significantes discretas e descontínuas segundo duas dimensões temporais disjuntas, cuja junção produz a significação: é na diacronia e na sincronia (Saussure, 1997) que são possíveis as operações de combinação e de seleção em que a enunciação do sujeito recorta os enunciados. “A estrutura fundamental da cadeia significante submete toda manifestação da linguagem à condição de estar regulada por uma sucessão, por uma diacronia, algo que se desenrola no tempo”, explica J. Lacan (1958-59, p. 20) no Seminário 6. Mas, ao mesmo tempo, “o significante se define por sua relação com outro significante de um sistema de oposição significante – este se desenvolve numa dimensão que implica certa sincronia”. O entrelaçamento desses dois eixos temporais da linguagem para produzir uma significação introduz uma dimensão topológica: o encruzamento dos dois eixos

4 “Se há algo que nossa experiência nos manda incluir... é o tempo... em três dimensões.”

5 O “sofisma” apresentado por Lacan no texto de 1945 supõe três prisioneiros, 5 discos: 3 brancos e dois pretos. O diretor da prisão assegura a liberdade de quem pode afirmar a cor de seu disco afixado nas costas que os dois outros veem mas ele mesmo não. Como concluir apesar da falta de saber é a questão do apólogo.

desenhando superfícies que encerram um furo: a impossibilidade do significante abarcar o significado (impossibilidade que Saussure escreveu com a barra que separa o significado do significante).

Grafo completo:



No eixo sincrônico opera-se uma seleção e qualquer significante escolhido para representar o sujeito será metafórico, ou seja, substitutivo, enquanto no eixo diacrônico da combinação dos significantes cada um representa apenas uma parte do todo (metonímia) e, por isso mesmo, deixa a desejar: portanto, o que coordena e ordena a sequência de significantes que representam um sujeito (1, 1, 1...) é uma falta de representação (-1). Constatemos como a estrutura do significante e os mecanismos de produção da significação permitem reler com os instrumentos da linguística os desenvolvimentos freudianos sobre as representações e seu recalque.

O “grafo do desejo”, dito igualmente “grafo do sujeito”, construído por Lacan<sup>6</sup>, explicita o cruzamento das duas linhas temporais, diacrônica e sincrônica, da estrutura do significante no sistema da linguagem para produzir o momento da fala, revelando a sua divisão fundamental entre enunciado e enunciação.

Uma vertente da cadeia significante  $s(A) \rightarrow A$  antecipa a significação vetorizada pelo ponto A, o “grande” Outro, o sistema do significante que valida a mensagem,

enquanto a outra vertente retroage  $s(A) \leftarrow A$ , permitindo que, a partir de um corte, se precipite uma significação  $s(A)$ . Significação que ricocheteia na sua precariedade, pois o enunciado nunca pode comportar a enunciação e, portanto, esbarra com a incompletude do Outro que limita o sujeito  $S(A)$  e orienta o seu desejo (d), o que propulsa o segundo “andar” do grafo, que figura a cadeia significante inconsciente.

O grafo do desejo foi construído por Lacan para explicitar as consequências da estrutura do significante (conjunção e separação entre significante e significado para constituir o signo linguístico) na constituição do sujeito e seus desdobramentos no que diz respeito ao desejo. Esse modelo topológico permite ler tanto a lógica do sujeito quanto a lógica da cura.

## Separação

No entanto, o sujeito, na sua singularidade, não é todo determinado pelo Outro e seu aparelho significante. A sua distinção como sujeito único se produz pelo viés de uma segunda operação de causação do sujeito: a operação “separação”, ou seja, como, além da alienação, o sujeito inclui na sua constituição o que não se sujeita ao Outro. O tempo de produção do sujeito se desdobra segundo uma temporalidade lógica, já que a operação “alienação” (Lacan, 1966, p. 840), identificação ao significante do Outro, remete ao tempo para compreender, e a operação “separação”, ao momento de concluir, sem o Outro.



6 O grafo do desejo foi construído por Jacques Lacan a partir de 57 e prosseguido durante dez anos de seu ensino.

O modelo matemático dos “discursos”, elaborado a partir de 1968, permite incluir a partir, mas mais além da lógica do significante (mais além do princípio de prazer...), um terceiro tempo da constituição do sujeito: o momento de concluir, momento de separação em relação à determinação pelo Outro.

Os quatro “discursos” são baseados no modelo matemático da estrutura de grupo, que implica e determina mutações possíveis a partir dos giros dos termos na sequência das posições. O “discurso do mestre” é a apresentação da estrutura de discurso do sujeito do inconsciente. O discurso do analista é a movimentação que a intervenção do analista causa no discurso do sujeito. Podemos utilizar esses “matemas” para ler a lógica temporal da constituição do sujeito.

O significante  $S_1$  é que representa o sujeito  $S$ , ou seja, o significante ao qual este se submete e aliena, para ser representado e inscrito no Outro, sistema simbólico,  $S_2$ , como distinto dos outros. É o traço  $S_1$  que marca o rastro apagado da experiência e da presença do sujeito  $S$ . O rastro apagado da primeira experiência de satisfação é o “instante de ver” do tempo lógico da constituição do sujeito, validado pelo “tempo para compreender”,  $S_1 \rightarrow S_2$ : o tempo da inscrição do traço – traço unário que identifica o sujeito a partir dos significantes (representações) do Outro, sempre outros, em relação ao primeiro rastro da existência. O produto da operação, a, “momento de concluir” a constituição do sujeito, a sua “asserção” existencial, é o terceiro tempo da operação. É o momento de “separação”, que retrocede sobre o que falta,  $-1$ , ao traço ( $S_1$ ) para poder concluir sem o saber e afirmar a existência distinta, antecipada pelo rastro. No momento de concluir essa temporalidade lógica da constituição do sujeito, o cálculo do dito “objeto  $a$ ” positiva essa falta primordial e determina a sua singularidade, como algo que não é sujeito e sujeitado à representação do Outro.

O “objeto  $a$ ”, marco de uma falha fundamental que causa o desejo como atemporal, é encoberto pela fantasia com revestimentos que se manifestam como intemporais.

A estrutura do significante inaugura, na estrutura do sujeito, um tempo perdido

nunca acontecido (“foraclusão”),  $-1$ , como causador da sua singularidade: *terei sido*, tempo real – que a repetição não cessa de inscrever:  $1, 1, 1 \dots$

Lacan soube fazer uso do recado freudiano a respeito da “inalterabilidade do reprimido” que oferecia “um acesso às mais profundas descobertas”: o desenvolvimento de seu ensino vai explicitar que não é o passado que estorva e trava o presente, é o real. O real é algo que “não cessa de não se inscrever” (Lacan, 1975) ( $-1, -1, -1$ ), segundo a formulação lacaniana da modalidade do impossível; impossível de subjetivar, impensável, inimaginável do sujeito que condiciona o que Lacan nomeia objeto. “Objeto  $a$ ”, para marcar, com uma letra, o real do sujeito, que escapa à subjetivação pelo significante e sua aparelhagem simbólica; é um resto atemporal, que não passa com o tempo, não cessa. Um resto que causa e constrange o sujeito na repetição e na intemporalidade do que “não cessa de se inscrever”, modalidade necessária dos sintomas, que não cessam de inscrever esse objeto que falta ao sujeito. Em termos freudianos, poderíamos dizer que a pulsão de morte que “não cessa de não se inscrever”, algo da pulsão que permanece silencioso e não se liga, determina a tenacidade dos avatares pulsionais que não cessam de produzir soluções de compromisso.

Há um tempo que falta, atemporal, que se manifesta com fenômenos intemporais, que “não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo”, etc. (Freud, 1915).

É notável que os matemas lacanianos (grafo,  $S, S_1, S_2, a$ , discurso), que desenvolvem e escrevem a estrutura do significante, permitam desdobrar tanto a estrutura do sujeito quanto a lógica da cura. O manejo da cura é o manejo do sujeito via manejo do tempo no desdobramento da fala do analisante que, na associação livre, desenrola a estrutura e a topologia do significante.

A prática clínica conhecida como o “tempo lógico” é o uso feito por Lacan desse fato de estrutura – o tempo real – atemporal, no manejo clínico da estrutura do sujeito nos diversos tempos de uma análise.



# OS TEMPOS DE UMA ANÁLISE

## Continuidade-descontinuidade

Podemos abordar a questão dos tempos de uma análise de diversas maneiras: a duração da análise (sempre longa demais), o tempo da sessão (sempre curto demais), o início e o fim, o tempo necessário para chegar ao fim; os tempos da transferência, seus movimentos, suas inércias e sua relação com a escansão interpretativa; os tempos da construção da fantasia – seus desdobramentos, seus contos, cantos e recantos e outros encantamentos; a persistência anacrônica dos sintomas; o tempo de suspensão da angústia; o tempo linear da associação livre e o instante do ato, etc. Mas, na diversidade dessas questões clínicas, podemos destacar duas modalidades temporais: de um lado, fenômenos que se desenrolam na continuidade e outros que irrompem na descontinuidade. Os tempos de uma análise, do início ao fim, são tensionados fenomenologicamente entre a duração e o instante: a fala do sujeito que se desenrola na associação livre é paradigmática da duração, enquanto a intervenção do analista produz uma descontinuidade no instante de sua intervenção, de seu ato.

Todas essas manifestações fenomenológicas do tempo na clínica são manifestações da temporalidade do sujeito, todas evidenciam que a dimensão diacrônica da fala é marcada e vetorizada por uma falha – a atemporalidade –, que a intempestividade do ato analítico vai patentear, fazer valer como real; atemporalidade que orquestra os avatares da repetição. O ato analítico pode reduzi-los à sua função lógica de causa.

O discurso do analista manifesta-se na clínica como esse batimento, escansão, ruptura, intrusão, silêncio, pausa, descontinuidade, resumindo: *como corte* que se intromete nas intermitências do sujeito, fazendo valer as intermitências, interditos, intervalos, como causador, como causa, como instância do dizer.

Atemporalidade singular da psicanálise tem esse ritmo da escansão, do batimento

alternado, abre-e-fecha, “pulsação temporal do inconsciente”. Ao ritmo da batuta do ato analítico, que rege a cura em direção à sua saída, ou seja, à sua finitude, produz-se um vaivém, uma sessão (secção) após a outra, alienação/ separação: o sujeito fala e cala; entre dito e dizer, um interdito, abre-e-fecha, um intervalo... um silêncio que causa. Por esse motivo, para ilustrar um seminário de Luis Izcovich em São Paulo sobre “Os Tempos da Análise”<sup>7</sup>, escolhemos um quadro de Hammershoi representando uma fileira de portas entreabertas: o que melhor que as portas do consultório do analista, que abrem e fecham (quanto tempo? quantas vezes?) poderia representar essa temporalidade descontinua do manejo da transferência pelo ato analítico? Quantas vezes se interrompe a suposição de saber no outro para que caia a ficha da sua inconsistência?

## Do início ao fim

Há uma primeira vez em que se abre a porta e uma última: a gente nunca esquece! Como explicar essa passagem do início até o fim?

O instante da entrada e o momento do fim (que separa, em geral, um longo tempo para compreender) são dois tempos paradigmáticos da incidência do discurso analítico, que produz movimentação e mutação na estrutura. Lacan recorta esses dois momentos na “Proposição sobre o Psicanalista de Escola” (1967), pois, como no xadrez, esses lances são exemplares e determinantes do que se produz ao longo de uma análise, quando o discurso do analista maneja a transferência.

## *Instante de ver: o instante da entrada*

O instante da entrada é produzido pelo tempo das entrevistas preliminares. Lacan insiste sobre essa precedência, que indica a entrada em análise não como consequência cronológica, mas como momento de con-

7 Seminário de Luis Izcovich (“O Tempo na Clínica Analítica”), realizado em São Paulo no dia 18 de agosto de 2007.

cluir uma virada, uma subversão do sujeito, como tempo lógico de balança – “retificação subjetiva” (Lacan, 1966, p. 601), diz ele –, vacilo inaugural do sujeito, prenúncio da “destituição subjetiva” do fim, ponto inicial de giro de um discurso ao outro (destituir o Um de seu lugar de mestre).

Se as próprias entrevistas preliminares podem ser decompostas com os três tempos – instante de ver, tempo para compreender, momento de concluir, (assim como todas as sequências temporais da análise: sessão, momentos cruciais...) –, a sua conclusão precipita o instante de ver inaugural da experiência. A entrada depende da operação do discurso do analista; não há entrada sem entrada do analista, é o seu ato que produz a conclusão e, no convite para o divã, concretamente bascula a posição. Num momento de deixa<sup>8</sup> do sujeito, o analista lança mão do ato, anuncia a carta com a qual vai jogar a partida: de agora em diante, ele marcará presença com esse naipe (voz – silêncio – corte), o naipe do objeto que causa. O instante de ver da entrada – momento de deixa – é um momento de interrogação a respeito do desejo do Outro (S de A) que o analista valida enquanto emergência real. O instante de ver das entrevistas preliminares consiste num topar com o real, e com a entrada em jogo do discurso analítico.

O “instante de ver” da entrada inclui a emergência do real no jogo que, após o consentimento do sujeito em causa, possibilita o seu manejo na análise: o manejo da transferência. A entrada é a inauguração do sintoma como analítico, ou seja, a enrotação do real pelo “sujeito suposto saber”, “primeiro tempo da análise” (Lacan, 1970, p. 425).

O jogo tem uma regra, o tempo seguinte – o tempo para compreender – é modulado e modelado por essa regra: a associação livre e seus efeitos.

## O tempo para compreender: as voltas dos ditos

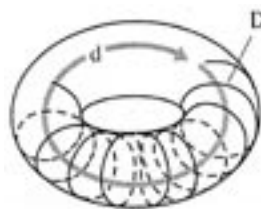
A estrutura do sujeito se desdobra na cena analítica da “associação livre”, orien-

tada pela transferência. A associação livre, ou seja, o blabláblá aparentemente linear, desenrola, na diacronia, o que a sincronia do instante de ver apreendeu. A estrutura própria da fala desenrola nos ditos as consequências do dizer, o que não está contido em nenhum dito, mas fomenta e orienta toda a série recorrente dos ditos. Cada dito a mais, +1, contorna a impossibilidade do dizer que, no final das contas, pode se deduzir como sua causa.

Que se fale de sonhos, temores, lembranças, ficções, relatos e fatos, tremores, anseios, ansiedades, inibições, sintomas, angústias, as associações do sujeito nas sessões de análise tentam circundar a impossibilidade do dizer esse atemporal mal dito do sujeito. Todos os ditos se apresentam como demanda de sentido.

A associação livre desdobra, estica, infla, pinça, desinfla, costura e recorta o espaço topológico da estrutura do sujeito, tornando patentes suas descontinuidades, seus furos, suas vizinhanças. Pouco a pouco, as voltas dos ditos (as demandas), contornando o oco do desejo, configuram e exibem o espaço topológico da neurose: um toro, logo apreensível como enodado com outro toro do qual ele preenche e escamoteia o furo estrutural (Lacan, 1961-62).

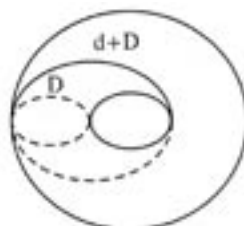
8 Deixa, no sentido em que a palavra é utilizada no teatro, ou seja, “indicação visual ou sonora que faculta ao ator a identificação do instante correto de entrar, falar ou agir em cena” (Dicionário Houaiss).



1- As voltas dos ditos



2- O toro do neurótico



3- A volta não contada

Esse toro do sujeito neurótico, enlaçado com o toro do Outro, é o enredo principal da novela familiar, moldada pela fantasia fundamental que, encobrindo o atemporal, condiciona as manifestações intemporais das formações do inconsciente. A novela familiar é sempre uma história mal contada, ela gira em torno de uma volta não contada – falha na suas contas dos ditos que o *étourdi* – o avoado – vai atribuir ao Outro, ligando sua falta-a-ser à falta, falha, pecado, mancada do Outro da sua história e, daí, sua suposição de que o seu tempo perdido está no saber do Outro.

A transferência acolhe essa suposição, é ela que orienta a associação livre, por isso “o sujeito suposto saber é o pivô da transferência”.

É o discurso do analista – o ato (a no lugar do agente) e a interpretação (o saber como meio dizer da verdade S2) que esse ato condiciona, que vai operar nessa apresentação topológica do sujeito os cortes necessários para fazer aparecer a estrutura: uma volta do dito (*l'étourdit*) que inclui a volta não contada, o tempo perdido do *l'étourdi* (o avoado): o seu dizer.

É necessário um tempo (“*Il faut le temps*”) para que a associação livre, aparentemente linear, desenrole, na diacronia, o que a sincronia do instante de ver apreendeu: “*le temps qui faut*” – o tempo que falta (Lacan, 1970, p. 425).

Lacan, em seu escrito “L'Étourdit”, explicita os diversos cortes que o discurso do analista deve operar para transformar um toro do neurótico em banda de Möbius, que escancara a estrutura do sujeito (a volta do dito e sua volta não contada), e seu complemento pela fantasia, como apresenta a estrutura topológica do *cross cap*. Quantos cortes e suturas são necessários para construir o *cross cap*, ou seja, a fantasia do sujeito, como superfície formada e sustentada a partir do enrolamento das voltas dos ditos que incluem e escondem, na sua asfera, a volta não contada, o tempo perdido, na sua estrutura.

Associação livre, novela familiar, construção da fantasia ocupam, desenrolam e montam a cena do tempo para compreender,

vetorizado pela transferência. A transferência atribuindo tanto o saber faltante quanto a causa que manca para completar o ser, ao Outro, no lugar ocupado pelo analista, revela uma dimensão temporal de espera, antecipação e atribuição: a espera do advento do ser confere ao analista uma capacidade de complemento e de sentido.

É nesse sentido que, como diz Lacan, a transferência é uma relação essencialmente ligada ao tempo e seu manejo:

*“L’attente de l’avènement de cet être dans son rapport avec ce que nous désignons comme le désir de l’analyste dans ce qu’il a d’inaperçu, au moins jusqu’à ce jour, de sa propre position, voilà le ressort vrai et dernier de ce qui constitue le transfert. C’est pourquoi le transfert est une relation essentiellement liée au temps et à son maniement”* (Lacan, 1966, p. 844).

Nesse tempo para compreender, o analista se cala, faz silêncio. Primeiro, para não fazer barulho, para que se destaque o Outro suposto saber que o analisante na transferência espera como complemento dos ditos furados da associação livre; depois, para acolher e escancorar o resto transferencial, que não cabe no saber e que o neurótico modela à medida do tempo do Outro. Nesse tempo para compreender, o analista maneja o tempo de espera da transferência com suas escansões, cortes e interpretações que, ao desconcertar a suposição de saber, produzem a demonstração lógica da impossibilidade de completar aquilo que “não cessa de não se inscrever” e dirigem a análise para o seu momento de concluir.

## *O momento de concluir*

O momento de concluir é ato do analisante quando, após o tempo para compreender que não há como se assegurar no Outro de um saber sobre si mesmo, ele se separa, ato que cumpre sua “asserção de sujeito”. O ato do analista produz, no desenrolar aparentemente linear das cadeias significantes impulsionadas pela regra fundamental da

análise, uma descontinuidade: o “tempo” da análise que, amplificando e incidindo sobre o atemporal do sujeito, proporciona a temporalidade da análise como finita. O momento de concluir uma análise conjuga o momento lógico de dedução da impossibilidade de resposta no Outro, ao momento ético de decidir a saída, ato do analisante que sela a mudança radical da sua relação com o tempo: o instante é já! Precisamos desenvolver como o “tempo” do ato do analista produz o termo da análise: momento de concluir do analisante.

## O “TEMPO” DA ANÁLISE: O TEMPO LÓGICO DOS PSICANALISTAS LACANIANOS

O “tempo”, em música, é o movimento característico com o qual se executa uma obra musical, é o seu ritmo, o seu “andamento”. Os movimentos (adágio, andante, moderato) são definidos pela duração de uma nota batida certo número de vezes por minuto. É essa distribuição de uma duração em uma sequência de intervalos regulares, tornados sensíveis pelo retorno periódico de algum marco que produz o ritmo de uma sequência musical.

Por extensão o “tempo” é o ritmo do desenrolamento de uma ação (filme, obra literária) do começo ao fim. Com sequências melódicas, pausas, arranjos harmônicos (simultâneos), disposição regular de tempos fortes, contratempos e contrapontos, repartição dos acentos, e cesuras, o ritmo faz a obra. O *tempo*, o andamento, faz a obra ao explorar e atravessar as suas possíveis modulações via repartição de descontinuidade, num fluxo contínuo. Essa cadência, repartição da descontinuidade no fluxo contínuo (de sons, imagens, significantes), recorta instantes, distribuindo silêncios e evidenciando sequências, parece produzir a efetivação, progressiva e irremediável, do ponto de conclusão. Passado esse ponto, qualquer música seria litania fastidiosa.

Da mesma forma o andamento de uma análise do começo até o fim resulta do seu *tempo*, recortando instantes que isolam sequências, que produzem consequências. O *tempo*, conduzido pela batuta do desejo do analista, produz o tempo de uma análise, a medida de sua duração.

A cadência da entrada do analista – nos ditos do sujeito – condiciona uma descontinuidade que produz, em ato, no final das contas, o limite, a conclusão, fazendo da “série sem fim dos ditos uma sequência finita” (Soler, 2008). Por isso “*Il faut le temps*” (Lacan, 1970, p. 425) – um tempo é necessário, para extrair do tempo que passa o tempo que falta e o transformar no tempo que resta<sup>9</sup>.

A temporalidade peculiar e necessária de uma análise permite passar de um tempo perdido até o tempo encontrado. Não o tempo “re-encontrado”, isto é, o tempo que se encontra numa análise não é o tempo da busca do tempo perdido, é o tempo encontrado enquanto encontro com o real, é o tempo achado, com o qual a gente “topa” como “*trouvaille*” (Proust, 1987).

Onde isso era – repetição –, Lacan faz advir o ato como descontinuidade no sentido da neurose. É no ponto mesmo da “inalterabilidade do reprimido” (Freud, 1932-36) que ele insere o tempo lógico, produtor do momento de concluir, intrusão do analista e de suas cartas (silêncio, voz, presença, corte) que orienta e conduz a análise até sua conclusão. É assim que podemos apreender como o ato do analista produz, no final das contas, o momento de concluir da análise: o ato do analisante.

Como? Como o manejo pelo desejo do analista do instante do corte na sessão, como a produção do instante do corte causa a duração da análise como finita e não infinita? A medida de uma análise, o seu tempo, a sua finitude depende da marcação do “tempo” pelos cortes das sessões. Uma análise não se mede em anos, nem horas, nem minutos: a sua medida é o corte. Quantos cortes sua análise durou? (donde a importância da frequência das sessões que acolhe a alternância sessão-corte-intervalo.) O ato “*fait d’une pierre*

<sup>9</sup> Referência ao título da obra de Giorgio Agamben, *Le Temps qui Reste* (Paris, Payot & Rivages, 2004).

*deux coups*<sup>10</sup> causa efeitos de sujeito: surpreende, evidencia e esvazia a suposição do sujeito no Outro e, ao mesmo tempo, surpreende e evidencia o sujeito como resposta do real.

O analista, todas as vezes, corta as sessões, sejam de tempo variável ou sessões curtas (tema de nossos debates). É imprevisível: é responsabilidade intempestiva do ato analítico. Ao suspender a continuidade, isola-se uma sequência na qual pode ser lida uma suposição do sujeito. O que se ouviu? O que foi dito? 1, 2, 3? Ou 21.34? Ou 5, 8, 13? Em que ponto eu parei mesmo? 8, 13, 21!! 144? Não entendi! Não fez nenhum sentido para mim a sua interrupção da minha última sessão! 0, 0, 1? É isso? Reconhecemos nessas sequências trechos de uma série de Fibonacci, uma série matemática infinita na qual cada elemento é construído a partir da soma dos dois números precedentes<sup>11</sup>; é simples como princípio de recorrência, mas, quando se escutam esses trechos, é necessário um tempo antes de poder concluir o tempo que falta, o cálculo do intervalo entre um e outro. “Assim, a linguagem faz uma novação do que revela do gozo e faz surgir a fantasia que ele realiza por algum tempo. Ela só se aproxima do real à medida que o discurso reduz o dito a cavar um furo em seu cálculo”.

Apesar de todos os uns dos enunciados que se agregam um a um (1, 1, 1...), um tempo sempre faz falta para o sujeito: ele nunca recupera o um-a-mais (Lacan, 1968-69, pp. 361-74) (a volta que falta), mas sempre tenta resgatar o tempo perdido na sua demanda, no seu “blabláblá”, na sua suposição de um Outro. Como demonstra Lacan em “L’Étourdit” (Lacan, 1972, pp. 449-95), é o corte do analista, na série infinita da associação livre, nas voltas dos ditos, que faz aparecer o “tempo” da neurose e suspende, por um tempo, a sua razão fantasmática: “vamos suspender!”

A interrupção produz o corte mediano da fita de Möbius, realiza o dizer que não está nos ditos. “Que se diga permanece esquecido atrás do que se diz no que se ouve” (Lacan, 1972). Mas, de novo, na sequência

a esse dizer, por definição fora do sentido, será atribuído um sentido, cujo segredo está alojado no Outro e sua leis: 8, 13, 21... 34! Vamos suspender!

Quantas vezes se interrompe a suposição de saber no Outro para que caia a ficha da sua inconsistência?

O desejo do analista que suporta o corte da sessão valida o intervalo, como instância do dizer. “*Cette dimension temporelle est l’angoisse, cette dimension temporelle est celle de l’analyse. C’est parce que le désir de l’analyste suscite en moi cette dimension de l’attente que je suis pris dans l’efficace de l’analyse*” (Lacan, 1962-63, p. 204)<sup>12</sup>.

O analista em ato – *actually* –, suscitando a dimensão da espera, faz valer as intermitências – os interditos como causadores, como causação do sujeito. A atualidade do analista, o seu a-tempo tem uma incidência clínica na intemporalidade do sujeito do inconsciente. O ato analítico produz, extrai, da repetição, essa outra dimensão do tempo, o *kairos*, “o momento oportuno”.

No fim, o momento de concluir é ato do analisante. O momento de concluir interrompe a diacronia da associação livre, interrompe, *insuccès de l’une-bévue* (Lacan, 1976-77). A interrupção da sua sucessão é da ordem do ato que se faz sem o saber suposto ao Outro e produz a sua suspensão. “Vamos suspender!”

No fim, é o momento de concluir que a indecidibilidade da partida se transforma numa carta na mão do analisante – não o “mico preto”, carta da impotência que estorva o jogo e impede a partida (separação), mas a carta que chega a seu destino na forma de uma letra.

Quanto tempo necessário para chegar ao fim! “*Ce n’est qu’après un long détour que peut advenir pour le sujet le savoir de son rejet original*” (Lacan, 1961-62, p. 181).

Mas ainda falta um tempo, até que o “tempo” do analista produza, à medida de seus golpes, a espera, ou seja, a falha no tempo do Outro onde o sujeito é flagrado como resposta do real: “*Il faut le temps pour faire trace de ce qui a défailli à s’avérer d’abord*” (Lacan, 1970).

10 Em português, “*faire d’une pierre deux coups*” equivale à expressão “matar dois coelhos numa cajadada só”.

11 Criada pelo matemático italiano Leonardo de Pisa (1175-1250), a relação de recorrência da série de Fibonacci: cada termo da série é a soma dos dois termos precedentes:  $F_0 = 0, F_1 = 1$ ; logo,  $F_2 = F_0 + F_1$ , ou seja,  $F_2 = 0 + 1$ , isto é,  $F_2 = 1, F_3 = 2, F_4 = 3$  e assim sucessivamente.

12 “Essa dimensão temporal é a angústia, essa dimensão temporal é a da análise. É porque o desejo do analista suscita em mim essa dimensão da espera que estou preso na eficácia da psicanálise”.



## BIBLIOGRAFIA

- FREUD, Sigmund. "Além do Princípio de Prazer e Psicologia de Grupo e Outros Trabalhos (1925-26)", in *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Edição Eletrônica Brasileira – versão 2.0). Rio de Janeiro, Imago, s/d.
- \_\_\_\_\_. "A Dissecção da Personalidade Psíquica" (Volume XXII), in *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro, Imago, s/d.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo, Nova Cultural, 1987.
- LACAN, Jacques. *Encore – Séminaire XX (1972-73)*. Paris, Éditions du Seuil, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Écrits*. Paris, Éditions du Seuil, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Les Problèmes Cruciaux pour la Psychanalyse – Séminaire XII (1964-65)*. Paris, Publication hors commerce – Document interne à l'A.L.I., s/d.
- \_\_\_\_\_. *L'Insu que Sait de l'Une Bévée s'Aile la Mourre – Séminaire XXIV (1976-77)*. Paris, Publication hors commerce – Document interne à l'A.L.I., s/d.
- \_\_\_\_\_. *Autres Écrits*. Paris, Éditions du Seuil, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Le Désir et Son Interpretation – Séminaire VI (1958-59)*. Paris, Publication hors commerce – Document interne à l'A.L.I., s/d.
- \_\_\_\_\_. *L'Identification*. Paris, Publication hors commerce – Document interne à l'A.L.I., s/d.
- \_\_\_\_\_. *De um Outro ao Outro*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, s/d.
- \_\_\_\_\_. *L'Angoisse – Séminaire X (1962-63)*. Paris, Publication hors commerce – Document interne à l'A.L.I., s/d.
- PORGE, Eric. *Se Compter Trois: Le Temps Logique de Jacques Lacan*. Toulouse, Éditions Ères, 1989.
- PROUST, Marcel. *À la Recherche du Temps Perdu*. Paris, Gallimard, 1987.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo, Cultrix, 1997.
- SOLER, Colette. "O Tempo que Falta", in *Os Tempos do Sujeito do Inconsciente (Volume Preparatório para o V Encontro Internacional da IF-EPFCL)*. Rio de Janeiro, Documento interno editado pela EPFCL-BRASIL, 2008, pp.136-47.
-